Easy Rider [Easy Rider - Sem destino] (1969) de Dennis Hopper

CINE CLUBE, 21 de Maio 2013 BIBLIOTECA, FCT/UNL

PORTAIS EM TORNO DO FILME (1969):

- http://www.imdb.com/title/tt0064276/
- http://www.lib.berkeley.edu/MRC/road
 moviesbib.html#easyrider
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Easy_Rider
- http://en.wikipedia.org/wiki/Easy_Rider
- http://en.wikipedia.org/wiki/Outlaw_bik
 er film
- http://theoriapratica.org/content/filme-easy-rider
- http://www.telegraph.co.uk/motoring/w heelsonfilm/4839143/Wheels-On-Film-Easy-Rider.html

PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR DENNIS HOPPER (1936-2010):

- http://www.imdb.com/name/n m0000454/
- http://www.artnet.com/artists/
 dennis-hopper/biography-links
- http://www.artnet.com/artists/ dennis-hopper/
- http://en.wikipedia.org/wiki/D
 ennis Hopper
- http://cinephilearchive.tumblr.com/post/37866229597

BIBLIOGRAFIA IMPRESSA EM TORNO DO REALIZADOR DENNIS HOPPER

Books

- Biskind, Peter. Easy Riders, Raging Bulls: How the Sex-Drugs-and-Rock 'N' Roll Generation Saved Hollywood, Simon and Schuster (1999)
- Hoberman, J. Dennis Hopper: From Method to Madness, Walker Art Center (1988)
- Hopper, Dennis. Dennis Hopper: Out of the Sixties, Twelvetrees Press (1986)
- Krull, Craig. "Photographing the LA Art Scene: 1955-1975", Craig Krull Gallery (1996)
- Rodriguez, Elean. Dennis Hopper: A Madness to his Method, St. Martin's Press (1988)
- Dennis Hopper: Photographs 1961-1967, Taschen (2011)
- Winkler, Peter L. "Dennis Hopper: The Wild Ride of a Hollywood Rebel," Barricade Books (2011)

Articles

- Macklin, F. A., "Easy Rider: The Initiation of Dennis Hopper," in Film Heritage (Dayton, Ohio), Fall 1969
- Burke, Tom, "Dennis Hopper Saves the Movies," in Esquire (New York), Dec. 1970
- Burns, Dan E., "Dennis Hopper's The Last Movie: Beginning of the End," in Literature/Film Quarterly, 1979
- Algar, N., "Hopper at Birmingham," in Sight and Sound (London), Summer 1982
- Herring, H. D., "Out of the Dream and into the Nightmare: Dennis Hopper's Apocalyptic Vision of America," in *Journal of Popular Film* (Washington, D.C.), Winter 1983

- Scharres, B., "From Out of the Blue: The Return of Dennis Hopper," in Journal of the University Film and Video Assoc. (Carbondale, IL), Spring 1983
- Current Biography 1987, New York, 1987
- Martin, A., "Dennis Hopper: Out of the Blue and into the Black," in *Cinema Papers* (Melbourne), July 1987
- Weber, Bruce, "A Wild Man is Mellowing, Albeit Not on Screen," in New York Times, Sept. 8, 1994

EM TORNO DE TERRY SOUTHERN, CO-GUIONISTA DO FILME, EM CONJUNTO COM DENNIS HOPPER E HENRY FONDA:

- http://www.imdb.com/name/nm0816143/
- http://worldcat.org/identities/lccn-n84-230539
- http://en.wikipedia.org/wiki/Terry_Southern
- http://www.visual-memory.co.uk/amk/doc/0081.html /(Terry Southern em torno do filme Dr. Strangelove [Dr. Estranho Amor])
- http://www.nytimes.com/books/01/06/17/specials/southern.html
- http://www.nytimes.com/books/01/06/17/specials/southern-rider.html /(Uma recensão do filme *Easy Rider* pelo crítico da New York Times, Vincent Canby [1969])

BIBLIOTECA IMPRESSA EM TORNO DO FILME

- Aldaz, Gabriel. Right Palm Up, Left Palm Down: The Log of a Cross-Country Scavenger Hunt. SparkWorks, 2010.
- Carr, Jay; National Society of Film Critics. The A List: The National Society of Film Critics' 100 Essential Films. Da Capo Press, 2002.
- Easy Rider Bibliography (via UC Berkeley)
- Hill, Lee. Easy Rider. British Film Institute, 1996.
- Hoberman, J. Criterion Collection Essay
- Klinger, Barbara. "The Road to Dystopia: Landscaping the Nation in Easy Rider". In Steven Cohan, Ina Rae Hark. *The Road Movie Book*. New York: Routledge, 1997.
- Lev, Peter. American Films of the 70s: Conflicting Visions. University of Texas Press, 2000.
- Osgerby, Bill. Biker: Truth and Myth: How the Original Cowboy of the Road Became the Easy Rider of the Silver Screen. Globe Pequot, 2005.
- Phipps, Keith. Slate.com. The *Easy Rider* Road Trip: Retracing the Path of the Iconic Movie on Its 40th Anniversary, November 16, 2009.
- Zoller Seitz, Matt. Criterion Collection Essay.

O CINEMATOGRÁFICO LASZLO KOVACS DO FILME EASY RIDER:

http://web.archive.org/web/20120211125811/http://www.moviemaker.com/directing/article/easy rider 35 years later 2921 (excerto de uma entrevista a Kovacs, em 2004)

"LK: Like most people, they were surprised to learn that we didn't shoot in documentary style, because the film has that feeling of freedom. You can't just point the camera and shoot. You need an eye and a sense of what the story is about. We planned all the dialogue shots and everything was lit to create the right sense of time, place and mood. Someone asked if I would shoot this on digital today, because it is supposed to be cheaper and easier. I told them film and digital see light differently. You can get beautiful pictures with both, but it's a different emotional effect. It's very important for the audience to like Jack and these two long-haired hippies; otherwise, no one cares when they die."

In: http://www.goodreads.com/book/show/460533.Easy Rider:

Em torno da obra *Easy Rider* (BFI Modern Classics / BFI Film Classics) de Lee Hill

"Released in 1969, Easy Rider broke the mold of Hollywood studio production, making stars of Peter Fonda, Dennis Hopper, and Jack Nicholson and launching a new wave of radical and experimental American cinema. Easy Rider was one of the crucial films of the late 60s, a film that enshrined the ideals of the counterculture but also foresaw the demise of these ideals in the despair and paranoia of a nation rocked by Watergate and the Vietnam War. It was a seminal road movie and a massive financial success that spawned endless imitations. Few films since have been able to catch its particular blend of innocence and cynicism, hope and despair.

In his meticulously researched book, Lee Hill analyzes both the circumstances surrounding the making of *Easy Rider* and the social and cultural forces that found expression in it. Hill persuasively argues that the role of illustrious screenwriter Terry Southern in *Easy Rider* has been neglected as the exact circumstances of production, filming, and editing have become lost in mythmaking. Referring to little known archival material, Hill questions some of the legends that surround *Easy Rider*."

"Era uma vez nos anos sessenta na América: o cinema como território imaginativo e mito moderno no filme *Easy Rider* de Dennis Hopper"

Christopher Damien Auretta

Em 1998, Easy Rider entrou oficialmente no National Film Registry dos Estados Unidos da América, como uma obra "culturally, historically, or aesthetically significant." Significa esta consagração por parte de uma instituição cultural oficial, entre outras muitas coisas, que, na história da cultura, há uma contínua reconfiguração do cânone artístico e a sua recepção, um cânone por via do qual o espectador se reconhece, ou se situa, ou simplesmente participa segundo diversos graus de identificação e/ou distanciamento. Um filme é uma narrativa visual e verbal que retém o nosso olhar: um espelho móvel, um espaço iluminado e atravessado e um tempo narrado e consumado - pelo menos durante a projecção do filme. O acto de ver um filme integra-se num processo de consagração das energias imaginativas – associadas a uma dada realidade humana – que o constituem, i.e., de legitimação dos conteúdos culturais, vozes e trajectos da imaginação que formam as estradas imateriais de um país. Easy Rider trata da viagem de dois motards, Wyatt ("Captain America") e Billy (rememorativo do fora-da-lei, Billy the Kid), que financiam a sua viagem até Nova Orleãs mediante uma venda de cocaína em Los Angeles. São dois seres que existem na margem de uma América que se deseja contemplar apenas nos costumes e práticas de uma determinada ordem social. Eis um road movie (género dramático particularmente prolífico nos anos 60 e 70,): um universo cinematográfico povoado por rebeldes e fora-da-lei, hippies e hillbillies. Eis uma espécie de tempo-espaco (o final dos anos sessenta e o sudoeste e sul dos Estados Unidos) que vemos operar nos antípodas do mítico melting pot de uma ordem social que se deseja homogeneizante e, ao mesmo tempo, de marcante e singular excepcionalidade. Vê-se no filme em foco uma ordem social que se contradiz, portanto, na medida em que a homogeneização e a excepcionalidade não são sinónimas. Easy Rider regista o conflito inevitável entre uma ordem social estabelecida, por um lado, e, por outro, uma contra-cultura nas margens dessa ordem social (em busca da sua própria identidade comunal e excepcional). Proporciona ao espectador, por conseguinte, uma narrativa de igual dimensão mítica (a paisagem americana pelo prisma de dois *motards*, as suas motocicletas e as pessoas que conhecem pela estrada fora) que contrasta com a America oficial. Ora o cinema desde D. W. Griffith (1875-1948, realizador do filme *Birth of a Nation* que data de 1915) fazia parte da sedimentação de uma memória cultural, sendo o cinema um meio pelo qual se organiza e se projecta um território imaginativo bem como um arquivo reproduzível e altamente divulgável. América é um país que se consagra imaginativamente num processo de contínua automitificação. O território fílmico é, por assim dizer, o quinquagésimo-primeiro estado dessa nação; um estado continuamente re-presentado e re-dimensionado no *editing room* da película filmada. Eis uma América cuja identidade se materializa à velocidade da luz.

À míngua de uma experiência celebratória do melting-pot americano neste filme, Easy Rider constitui a busca de legitimação de uma visão não-oficial do país em questão. O filme relata, com efeito, as etapas de uma atitude de revolta ou de simples diferença muito mais sob ameaça do que ameaçadora numa América intolerante e violenta. Constitui igualmente – sem estridor, de modo quase terno e, até, inocente - uma espécie de olhar etnográfico em torno de uma comunidade hippie, onde os dois motards passam um momento de vida comunitária, testemunhando os rituais de sustento, laços afectivos e valores de independência e sobrevivência que os membros da comuna partilham, lembrando, na verdade, os valores dos primeiros habitantes europeus no continente americano (sem nos esquecermos aqui dos valores dos habitantes deste espaço geográfico de origem índia e mesoamericana que integram a memória cultural de todo um continente). Com efeito, Easy Rider desembaraca-se de qualquer mensagem para além de evocar um país em que dois *motards* se expõem à hostilidade do meio humano por onde se movem e, por último, acabam por morrer. Easy Rider relata, portanto, uma espécie de Éden fugitivo, uma inocência em vias de extinção, uma ansiedade de liberdade perante uma ordem social implicável.

Há apenas um momento do filme em que a linguagem (não esquecer que o filme tem três escritores: Peter Fonda, Dennis Hopper e Terry Southern, tendo este último colaborado com Stanley Kubrick na escrita do guião do filme, Dr. Estranho Amor, [1964]) adquire uma dimensão de crítica deveras articulada. O advogado George Hanson (brilhantemente incarnado pelo jovem actor Jack Nicholson), encarcerado por motivo de ebriedade, conhece os dois *motards* Wyatt e Billy (também encarcerados por terem participado num desfile sem autorização enquanto montado nas suas motas - sendo a motocicleta o símbolo do Mal na América de então que temia enfrentar-se ao mito do seu melting pot desmentido numa cidade do Sul, já perto de Nova Orleãs (para os motards, o paraíso prometido do Mardi Gras). Decidindo viajar com eles, a convite de Wyatt, as palavras do advogado, sentados à volta de uma fogueira no meio do bosque, articulam o que nos dois motards é uma revolta sem nome, apenas uma liberdade que procuram experimentar sem explicar, um desejo de praticar uma sua cidadania imaginada na liberdade espontânea da estrada. É George Hanson que, entre os minutos 1:07:30 e 1:10 do filme, articula a visão centralizadora do filme: não há afinal nenhum melting-pot, mas, sim, duas Américas: a que se julga livre, ao conformar-se com as leis de uma nação temerosa das zonas limítrofes dos seus mitos mais consagrados, por um lado, e, por outro, uma América estranhamente lírica e, em simultâneo, denegada em nome dessa mesma Lei que irmana todos os fariseus, complacentes e conformistas. George Hanson morrerá no filme poucos instantes depois deste momento de síntese visionária, vítima de um espancamento violentíssimo por parte de um grupo de desconhecidos da cidade donde os três partiram umas poucas horas antes. A sua morte cristaliza o profundo elemento elegíaco deste filme. Não há nada de "easy", afinal, nesta breve odisseia sobre rodas. A redenção ancorada numa liberdade terrestre não será de todo possível.

As viagens, mesmo as mais espontâneas, encerram um processo, ou um evento, de descoberta. Os dois *motards* confrontar-se-ão, no final deste *road movie* – que hoje em dia integra a mitologia de uma época e a consagração de uma memória cultural – com a dura verdade de que, entre a estrada e a Lei não há conciliação possível. A viagem interior e exterior de dois *motards* começa e acaba precisamente num trecho de pavimento, agora tornado no seu anónimo cemitério. Eis dois seres assassinados e eliminados, no filme, da memória de um povo. Resta, contudo, o filme em si. Lega-nos um território imaginativo e uma linguagem visual e verbal da dimensão da memória mítica do espectador, cidadão desse arquivo expansivo da imaginação e o desdobrar infindo de um destino em potência, i.e., a liberdade compreendida e, por fim, concretizada.